



**ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM VOLTADAS A CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O ENFRENTAMENTO DE DESAFIOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: revisão integrativa**

***NURSING CARE FOR CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER AND THE CONFRONTATION OF CHALLENGES IN PRIMARY HEALTH CARE: An Integrative Review***

**DOI: 10.5281/zenodo.19685568**

Janete Soares da Silva<sup>1</sup>

Jaiane Leite de Sousa<sup>2</sup>

Maria Izaldilene de Jesus Medeiros<sup>3</sup>

Sara Gomes da Silva Morais<sup>4</sup>

Thays França Silva<sup>5</sup>

Tuany Santos da Silva<sup>6</sup>

Pedro Henrique Rodrigues Alencar<sup>7</sup>

**RESUMO:** Transtorno do Espectro Autista (TEA) configura-se como uma condição do neurodesenvolvimento que compromete a comunicação, a interação social e o comportamento, manifestando-se, predominantemente, na infância. Nesse contexto, a Atenção Primária à Saúde desempenha papel fundamental na identificação precoce e no acompanhamento dessas crianças, sendo a enfermagem um dos principais pilares assistenciais. O presente estudo buscou analisar a assistência de enfermagem voltada a crianças com TEA e os desafios enfrentados nesse cuidado no âmbito da atenção primária. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, realizada nas bases de dados SciELO, PubMed e LILACS. Inicialmente, foram identificados 245 estudos, dos quais 14 atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos e compuseram a amostra final. Os resultados evidenciaram que a enfermagem exerce papel estratégico na identificação precoce do transtorno, no acolhimento familiar e na promoção de um cuidado humanizado. Entretanto, destacaram-se desafios relevantes, como a insuficiência de capacitação profissional, a ausência de protocolos assistenciais bem definidos, limitações estruturais nos serviços de saúde e fragilidades na articulação da rede de atenção. Conclui-se que o fortalecimento da assistência de enfermagem à criança com TEA requer investimentos em educação permanente, organização dos serviços e ampliação da produção científica, visando à qualificação do cuidado e à melhoria da qualidade de vida dessas crianças e de suas famílias.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista; Enfermagem; Atenção Primária à Saúde

**ABSTRACT:** Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized as a neurodevelopmental condition that impairs communication, social interaction, and behavior, predominantly manifesting in childhood. In this context, Primary Health Care plays a fundamental role in the early identification and monitoring of these children, with nursing standing out as one of the

<sup>1</sup> Acadêmico(s) do curso de enfermagem pela Universidade Paulista; janetesoesdaasilva73@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico(s) do curso de enfermagem pela Universidade Paulista; leitejaiane25@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmico(s) do curso de enfermagem pela Universidade Paulista; zaldilenemedeiros@gmail.com

<sup>4</sup> Acadêmico(s) do curso de enfermagem pela Universidade Paulista; saragomessilva2709@gmail.com

<sup>5</sup> Acadêmico(s) do curso de enfermagem pela Universidade Paulista. thaysfranca11@icloud.com

<sup>6</sup> Acadêmico(s) do curso de enfermagem pela Universidade Paulista; santostuany6@gmail.com

<sup>7</sup> Orientador, Professor do curso de enfermagem; especialista em hematologia clínica; enfpedro.alencar@gmail.com.

main pillars of care. This study sought to analyze nursing care provided to children with ASD and the challenges faced in this care within the scope of primary health care. This is an integrative literature review, with a qualitative, descriptive, and exploratory approach, conducted in the SciELO, PubMed, and LILACS databases. Initially, 245 studies were identified, of which 14 met the established inclusion criteria and comprised the final sample. The results showed that nursing plays a strategic role in the early identification of the disorder, in family support, and in the promotion of humanized care. However, relevant challenges were highlighted, such as insufficient professional training, the absence of well-defined care protocols, structural limitations in health services, and weaknesses in the articulation of the care network. It is concluded that strengthening nursing care for children with ASD requires investments in continuing education, organization of health services, and expansion of scientific production, aiming at improving the quality of care and the quality of life of these children and their families.

**Keywords:** Autism Spectrum Disorder; Nursing; Primary Health Care.

## 1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é reconhecido como uma condição do neurodesenvolvimento que afeta significativamente a comunicação, a interação social e o comportamento da criança, manifestando-se, em geral, nos primeiros anos de vida. Trata-se de um transtorno de caráter complexo e multifatorial, cujas manifestações variam amplamente entre os indivíduos, podendo comprometer diferentes áreas do desenvolvimento infantil. Nesse contexto, o TEA representa um importante desafio para os sistemas de saúde, especialmente no que se refere à identificação precoce e à implementação de estratégias de cuidado adequadas, capazes de promover o desenvolvimento e a qualidade de vida da criança (Ramos *et al.*, 2025).

Os impactos do TEA no desenvolvimento da criança são amplos e envolvem prejuízos na comunicação verbal e não verbal, dificuldades na interação social e presença de comportamentos restritivos e repetitivos. Tais alterações podem comprometer a aquisição de habilidades essenciais para a vida cotidiana, além de influenciar negativamente o desenvolvimento emocional e social da criança. Ademais, quando não identificado precocemente, o transtorno pode gerar consequências mais significativas, reforçando a importância de estratégias voltadas ao diagnóstico e intervenção nos primeiros anos de vida (Souza *et al.*, 2025).

De acordo com Moraes e Gaspar (2022), o diagnóstico precoce do TEA constitui um fator determinante para a melhoria do prognóstico, uma vez que intervenções iniciadas em fases iniciais do desenvolvimento tendem a apresentar melhores resultados. Nesse sentido, a Atenção Primária à Saúde configura-se como um espaço estratégico para o rastreamento e identificação



dos sinais iniciais do transtorno, considerando seu papel como porta de entrada do sistema de saúde e seu potencial de acompanhamento contínuo do crescimento e desenvolvimento infantil.

Entretanto, apesar da relevância da identificação precoce, diversos desafios ainda dificultam a efetividade desse processo, incluindo a falta de capacitação dos profissionais de saúde, a ausência de protocolos bem definidos e limitações estruturais nos serviços de saúde. Tais fatores contribuem para o atraso no diagnóstico e comprometem o acesso a intervenções adequadas, evidenciando a necessidade de fortalecimento das práticas assistenciais voltadas à criança com TEA (Santos *et al.*, 2024).

Nesse cenário, a atuação da enfermagem assume papel fundamental, especialmente no âmbito da Atenção Primária à Saúde. Por meio de ações como a consulta de puericultura, o enfermeiro possui a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento infantil, identificar sinais de alerta e orientar as famílias quanto às necessidades da criança. Além disso, a enfermagem exerce função essencial no acolhimento, na escuta qualificada e na construção de vínculo com a criança e seus cuidadores, contribuindo para um cuidado mais humanizado e integral (Benedito *et al.*, 2025).

Apesar disso, observa-se que a atuação da enfermagem ainda enfrenta limitações importantes, relacionadas principalmente à insuficiência de formação específica sobre o TEA e à fragilidade na organização dos serviços de saúde. Essas dificuldades impactam diretamente a qualidade da assistência prestada, reforçando a necessidade de investimentos em capacitação profissional e na estruturação de protocolos assistenciais baseados em evidências científicas (Franco; Martins, 2025).

Nesse sentido, o presente estudo busca analisar a assistência de enfermagem voltada à criança com Transtorno do Espectro Autista e os desafios enfrentados na Atenção Primária à Saúde. Como objetivos específicos, pretende-se compreender o papel da enfermagem no cuidado à criança com TEA, identificar os principais desafios enfrentados pelos profissionais nesse contexto e discutir estratégias que possam contribuir para a qualificação da assistência prestada.

Para tanto, foi adotada como metodologia a revisão integrativa da literatura, fundamentada em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório. Essa escolha justifica-se pela necessidade de reunir e analisar criticamente as produções científicas existentes sobre a temática, permitindo uma compreensão mais ampla e aprofundada do fenômeno investigado.



Diante disso, o estudo fundamenta-se pela relevância de discutir a atuação da enfermagem no cuidado à criança com TEA, considerando os desafios presentes na prática assistencial e a necessidade de fortalecimento das ações na Atenção Primária à Saúde. Ao aprofundar essa temática, espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento científico, bem como para o aprimoramento das práticas de cuidado, favorecendo a promoção do desenvolvimento infantil e a melhoria da qualidade de vida das crianças com TEA e suas famílias.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Conceito de TEA**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é compreendido como uma condição do neurodesenvolvimento que se manifesta desde os primeiros anos de vida, interferindo de maneira significativa no desenvolvimento global da criança e em sua qualidade de vida. Esse transtorno apresenta características que podem comprometer diferentes áreas do funcionamento, exigindo atenção precoce e acompanhamento contínuo, uma vez que seus impactos podem se estender ao longo de todo o ciclo vital (Ramos *et al.*, 2025).

Segundo Alves, Almeida e Oliveira (2025), o TEA deve ser entendido como um conjunto heterogêneo de distúrbios do desenvolvimento neurológico, cujas manifestações clínicas variam amplamente entre os indivíduos. Essa diversidade pode abranger desde casos com deficiência intelectual severa e limitações adaptativas importantes até situações em que o indivíduo apresenta quociente de inteligência dentro da normalidade, sendo capaz de desenvolver autonomia e independência em diferentes contextos sociais.

As principais características do transtorno estão relacionadas a prejuízos na comunicação e na interação social, além da presença de padrões comportamentais restritivos e repetitivos. Tais manifestações podem incluir dificuldades na reciprocidade social, limitações na comunicação verbal e não verbal, bem como a adoção de rotinas rígidas e interesses altamente específicos, que interferem na adaptação do indivíduo aos diferentes ambientes (Ramos *et al.*, 2025).

De acordo com Almeida *et al.* (2024), o TEA representa um importante problema de saúde pública em escala global, considerando-se a estimativa de mais de 70 milhões de pessoas afetadas em todo o mundo. No contexto brasileiro, observa-se um cenário preocupante de



subdiagnóstico, no qual grande parcela dos indivíduos com o transtorno permanece sem identificação adequada, o que compromete o acesso a intervenções precoces e estratégias de cuidado apropriadas.

Além das características comportamentais, o TEA é classificado em diferentes níveis de gravidade, os quais estão diretamente relacionados à necessidade de suporte do indivíduo. Esses níveis variam desde quadros que demandam pouco apoio até situações que requerem assistência intensiva e contínua, refletindo o grau de comprometimento na comunicação social e no funcionamento global, o que evidencia a complexidade e a variabilidade do transtorno (Ramos *et al.*, 2025).

Assim, conforme Alves, Almeida e Oliveira (2025), a compreensão do TEA também envolve aspectos classificatórios distintos, sendo relevante destacar a abordagem da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), que considera, de forma mais específica, a presença de deficiência intelectual e o nível de linguagem funcional. Ademais, a etiologia do transtorno é reconhecida como multifatorial, envolvendo a interação de fatores genéticos, ambientais, imunológicos e neurológicos, incluindo condições pré-natais, perinatais e exposições a agentes potencialmente prejudiciais ao desenvolvimento.

O diagnóstico do TEA constitui um processo complexo e multidimensional, que requer a integração de diferentes estratégias de avaliação, como a observação clínica, entrevistas com responsáveis, anamnese detalhada e exclusão de outras condições médicas. A análise do comportamento da criança e das queixas familiares desempenha papel central nesse processo, sendo fundamental para a identificação precoce e para a distinção do transtorno em relação a outras condições com manifestações semelhantes (Almeida *et al.*, 2024).

#### 2.1.1. Impactos do TEA no desenvolvimento da criança

Os impactos do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no desenvolvimento infantil manifestam-se de forma precoce, comprometendo áreas fundamentais como a comunicação e a interação social. Crianças com esse transtorno frequentemente apresentam dificuldades tanto na linguagem verbal quanto na não verbal, incluindo limitações na formação de frases, no uso de gestos e na expressão facial, o que interfere diretamente na construção de vínculos sociais e na participação em atividades cotidianas (Souza *et al.*, 2025).

Nesse contexto, Franco e Martins (2025) destacam que o TEA caracteriza-se por comprometimentos significativos na comunicação social desde os primeiros anos de vida,



sendo esse um dos principais fatores que impactam o desenvolvimento global da criança. Tais dificuldades dificultam a interação com o meio e limitam a construção de habilidades sociais essenciais, especialmente no ambiente familiar e escolar.

Ademais, observa-se a presença de padrões comportamentais restritos e repetitivos, que se manifestam por meio de movimentos estereotipados e interesses limitados. Esses comportamentos, como balançar partes do corpo ou alinhar objetos de maneira repetitiva, interferem na capacidade da criança de explorar o ambiente de forma diversificada e adaptativa, restringindo experiências importantes para o desenvolvimento cognitivo e social (*Souza et al.*, 2025).

Sob outra perspectiva, Ferreira (2024) evidencia que os impactos do TEA não se restringem apenas ao comportamento observável, mas também se estendem ao campo emocional e psicológico. Crianças com o transtorno apresentam maior risco de desenvolver ansiedade, depressão, sentimentos de solidão e sofrer situações de exclusão social, como o bullying, o que compromete significativamente seu desenvolvimento socioemocional.

Além disso, as alterações no processamento sensorial configuram-se como um aspecto relevante no desenvolvimento dessas crianças. Essas alterações podem se manifestar como hipersensibilidade ou hiperresponsividade a estímulos sensoriais, como sons, luzes e texturas, dificultando a adaptação a diferentes ambientes e situações do cotidiano, podendo desencadear desconforto e crises comportamentais (*Souza et al.*, 2025).

Nessa mesma linha, Mesquita, Chagas e Santos (2025) apontam que o TEA apresenta diferentes graus de intensidade, o que implica variações significativas nos impactos sobre o desenvolvimento infantil. Essa heterogeneidade exige abordagens individualizadas, uma vez que cada criança apresenta necessidades específicas relacionadas ao seu nível de comprometimento funcional.

Adicionalmente, a dependência dos cuidadores é um fator que merece destaque, considerando que as limitações impostas pelo transtorno podem dificultar o desenvolvimento da autonomia da criança. Essa condição impacta diretamente a aquisição de habilidades para a vida diária, tornando o processo de independência mais lento e desafiador (Ferreira, 2024).

Por conseguinte, a presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos também contribui para a limitação da flexibilidade comportamental. Essa rigidez pode dificultar a adaptação a mudanças de rotina e comprometer a participação da criança em diferentes contextos sociais (Mesquita; Chagas; Santos, 2025).



Além disso, os déficits cognitivos e os atrasos no desenvolvimento podem estar associados ao TEA, especialmente na ausência de diagnóstico e intervenção precoce. A falta de acompanhamento adequado tende a intensificar os prejuízos no desenvolvimento global, afetando tanto aspectos cognitivos quanto sociais (Souza *et al.*, 2025).

Paralelamente, Franco e Martins (2025) ressaltam que crianças com TEA podem apresentar crises comportamentais em diferentes contextos, especialmente diante de estímulos excessivos ou mudanças inesperadas. Essas situações exigem manejo especializado e ambientes adaptados, evidenciando a necessidade de preparo dos profissionais de saúde.

Outro aspecto relevante refere-se à ausência de marcadores biológicos específicos para o diagnóstico do TEA, o que torna o processo dependente da observação clínica e do relato familiar. Essa limitação pode resultar em diagnósticos tardios, atrasando intervenções fundamentais para o desenvolvimento infantil (Mesquita; Chagas; Santos, 2025).

Nesse sentido, Ferreira (2024) enfatiza que o diagnóstico tardio está diretamente associado a prejuízos mais significativos no desenvolvimento da criança, uma vez que intervenções realizadas precocemente tendem a apresentar melhores resultados, sobretudo devido à maior neuroplasticidade cerebral nos primeiros anos de vida.

Ademais, a necessidade de uma abordagem individualizada no cuidado de crianças com TEA destaca-se como um fator essencial, considerando a variabilidade das manifestações do transtorno. Estratégias adaptadas às necessidades específicas de cada criança contribuem para a promoção do desenvolvimento e da qualidade de vida (Franco; Martins, 2025).

Assim, observa-se que as dificuldades na comunicação social, associadas aos comportamentos restritivos e às alterações sensoriais, configuram um conjunto de fatores que impactam de maneira ampla o desenvolvimento infantil. Esses aspectos reforçam a importância do diagnóstico precoce e da implementação de intervenções adequadas, visando minimizar os prejuízos e potencializar o desenvolvimento da criança (Souza *et al.*, 2025).

## **2.2. Diagnóstico precoce e identificação do TEA**

O diagnóstico precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui um elemento fundamental para a promoção do desenvolvimento infantil, especialmente quando considerado o período de maior plasticidade cerebral nos primeiros anos de vida. Nesse sentido, recomenda-se que o rastreamento dos sinais iniciais do transtorno seja realizado entre 18 e 24 meses de





idade, utilizando instrumentos padronizados que possibilitem a identificação de alterações no desenvolvimento de forma sistematizada (Moraes; Gaspar, 2022).

Nesse contexto, Santos e Silva (2022) destacam que o TEA pode ser diagnosticado por volta dos dois anos de idade, sendo esse um período considerado crítico para a identificação precoce. A realização de intervenções ainda nos três primeiros anos de vida favorece melhores respostas no desenvolvimento da criança, em razão da elevada neuroplasticidade cerebral característica dessa fase.

Além disso, a identificação precoce do TEA está diretamente relacionada à observação de sinais e sintomas específicos que se manifestam ainda na primeira infância. Entre esses sinais, destacam-se dificuldades na interação social, limitações na comunicação e presença de comportamentos repetitivos, os quais configuram importantes indicativos para a suspeita diagnóstica (Moraes; Gaspar, 2022).

De acordo com Carvalho *et al.* (2024), o diagnóstico clínico do TEA é baseado em critérios estabelecidos por sistemas classificatórios, como o DSM-5, que organiza os sintomas em dois grandes grupos: déficits na comunicação e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento. Essa organização permite uma avaliação mais estruturada e criteriosa das manifestações clínicas do transtorno.

Ademais, instrumentos de triagem desempenham papel essencial no processo de identificação precoce, sendo amplamente utilizados em contextos clínicos e assistenciais. Dentre esses, destaca-se o Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT), aplicado em crianças entre 18 e 24 meses, composto por questões objetivas que avaliam aspectos relacionados à linguagem, interação social e desenvolvimento motor (Moraes; Gaspar, 2022).

Nesse sentido, Santos e Silva (2022) ressaltam que diversos instrumentos padronizados podem ser utilizados para a triagem do TEA, como o ADI-R, CARS, GARS-2, ADOS e o próprio M-CHAT-R. Esses instrumentos contribuem para uma avaliação mais precisa da sintomatologia, além de favorecerem a padronização do processo diagnóstico.

Outro instrumento relevante no contexto brasileiro é a escala CARS-BR, considerada padrão ouro para a classificação da gravidade do TEA. Essa ferramenta permite distinguir entre níveis leves, moderados e severos do transtorno, sendo aplicada em crianças acima de dois anos de idade e composta por múltiplos critérios avaliativos (Moraes; Gaspar, 2022).

Paralelamente, Carvalho *et al.* (2024) apontam que os sinais do TEA tendem a ser perceptíveis ainda na primeira infância, o que reforça a importância da vigilância do





desenvolvimento infantil. Entretanto, mesmo com sinais evidentes, o diagnóstico muitas vezes ocorre de forma tardia, o que compromete a implementação de intervenções precoces.

Além dos instrumentos formais, a observação clínica e a análise do comportamento da criança continuam sendo fundamentais para o processo diagnóstico. O Indicador Clínico de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), por exemplo, destaca-se como uma ferramenta importante para a investigação precoce, especialmente em crianças de 0 a 18 meses, permitindo a avaliação da interação entre a criança e seus cuidadores (Moraes; Gaspar, 2022).

Por outro lado, Santos e Silva (2022) enfatizam que a identificação dos sinais iniciais do TEA pode ser dificultada pela percepção dos familiares, que muitas vezes interpretam comportamentos atípicos como características próprias da criança. Essa dificuldade pode atrasar a busca por avaliação especializada, retardando o diagnóstico.

Adicionalmente, características como dificuldade na transição entre atividades, foco excessivo em detalhes e reações incomuns a estímulos sensoriais também podem ser observadas como indicativos do TEA. Tais manifestações contribuem para a identificação precoce do transtorno, sobretudo quando avaliadas em conjunto com outros sinais clínicos (Carvalho *et al.*, 2024).

Outrossim, a presença de comportamentos repetitivos, isolamento social, dificuldades no sono, seletividade alimentar e alterações na forma de brincar são aspectos frequentemente relatados no contexto do TEA, sendo considerados importantes marcadores para o rastreamento do transtorno na infância (Santos; Silva, 2022).

Outro ponto relevante refere-se à ausência de marcadores biológicos específicos para o TEA, o que torna o diagnóstico essencialmente clínico e baseado na observação comportamental. Essa característica reforça a importância da utilização de instrumentos padronizados e da capacitação dos profissionais para uma avaliação adequada (Moraes; Gaspar, 2022).

Entretanto, Carvalho *et al.* (2024) apontam que, diante do aumento expressivo de diagnósticos, surge entre alguns profissionais a preocupação com um possível superdiagnóstico do TEA. Essa percepção evidencia a necessidade de critérios diagnósticos bem definidos e de formação adequada para evitar equívocos na identificação do transtorno.

Por fim, destaca-se que o diagnóstico precoce do TEA depende da integração entre observação clínica, utilização de instrumentos validados e reconhecimento dos sinais iniciais por parte de familiares e profissionais. A identificação oportuna possibilita a implementação de

intervenções adequadas, contribuindo para a melhoria do prognóstico e da qualidade de vida da criança (Moraes; Gaspar, 2022).

### **2.3. Assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde**

A assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Atenção Primária à Saúde configura-se como um componente essencial para a identificação precoce, acompanhamento e promoção do desenvolvimento infantil. Nesse contexto, a puericultura destaca-se como uma estratégia central, permitindo ao enfermeiro acompanhar de forma contínua os marcos do desenvolvimento e identificar precocemente possíveis alterações no neurodesenvolvimento (Benedito *et al.*, 2025).

Nesse sentido, Santos *et al.* (2024) ressaltam que a consulta de puericultura constitui um espaço privilegiado para o rastreamento de sinais sugestivos do TEA, possibilitando a detecção de atrasos no desenvolvimento neuromotor e psicossocial. A utilização de instrumentos como o M-CHAT-R/F, incorporado à Caderneta da Criança, fortalece a atuação do enfermeiro nesse processo de identificação precoce.

De acordo com Andrade, Santos e Ramos (2024), a consulta de enfermagem deve ser compreendida como uma ferramenta de promoção à saúde, que integra avaliação, planejamento e implementação de cuidados. No contexto do TEA, essa prática possibilita a aplicação de instrumentos de rastreamento e a identificação de manifestações clínicas precoces, contribuindo para intervenções oportunas.

Ademais, a utilização de instrumentos padronizados é fundamental para qualificar o processo de triagem, sendo o M-CHAT amplamente utilizado na Atenção Primária devido à sua praticidade e baixo custo. Essa ferramenta auxilia na identificação de crianças com risco para TEA, permitindo encaminhamentos mais rápidos e assertivos (Benedito *et al.*, 2025).

Entretanto, Santos *et al.* (2024) evidenciam que a atuação do enfermeiro ainda enfrenta limitações importantes, sendo frequentemente restrita ao rastreamento e encaminhamento dos casos suspeitos. Tal realidade decorre, sobretudo, da falta de preparo e da ausência de suporte institucional adequado para o acompanhamento longitudinal dessas crianças.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de capacitação da equipe de enfermagem, uma vez que muitos profissionais não se sentem preparados para reconhecer os sinais precoces do TEA ou aplicar instrumentos de triagem. Essa lacuna no conhecimento

contribui para atrasos no diagnóstico e compromete a qualidade da assistência prestada (Benedito *et al.*, 2025).

Para além do já exposto, corroborando essa perspectiva, Andrade, Santos e Ramos (2024) apontam que o sentimento de insegurança e despreparo é recorrente entre os enfermeiros, refletindo diretamente na dificuldade de orientar as famílias e conduzir adequadamente o processo de cuidado. Tal cenário evidencia a necessidade de formação específica e contínua na temática.

Além disso, a educação permanente em saúde surge como estratégia fundamental para a qualificação dos profissionais, possibilitando a atualização de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades necessárias para o atendimento à criança com TEA. A reorientação da formação acadêmica também se mostra essencial para atender às demandas emergentes da prática (Santos *et al.*, 2024).

No âmbito assistencial, destaca-se a importância da escuta qualificada e da construção de vínculo entre o enfermeiro, a criança e sua família. A comunicação efetiva e o acolhimento são elementos fundamentais para compreender as necessidades específicas de cada caso e promover um cuidado humanizado (Costa *et al.*, 2024).

Adicionalmente, o uso de recursos lúdicos durante a consulta de enfermagem contribui para facilitar a interação com a criança com TEA, favorecendo a observação de comportamentos e a identificação de possíveis alterações no desenvolvimento. Essas estratégias tornam o atendimento mais acessível e eficaz (Benedito *et al.*, 2025).

Outro ponto central refere-se ao papel da família no processo de cuidado, sendo fundamental que o enfermeiro oriente os pais e responsáveis quanto aos sinais de alerta e às necessidades da criança. A participação ativa da família contribui para o diagnóstico precoce e para a continuidade do cuidado no ambiente domiciliar (Benedito *et al.*, 2025).

Nesse contexto, Andrade, Santos e Ramos (2024) destacam que o enfermeiro atua como mediador entre a família e a equipe multiprofissional, articulando os diferentes níveis de atenção à saúde. Essa posição estratégica favorece a construção de um cuidado integral e contínuo, centrado nas necessidades da criança.

Entretanto, desafios estruturais ainda comprometem a efetividade da assistência, incluindo a falta de recursos, a ausência de protocolos bem definidos e a fragilidade na articulação da rede de atenção à saúde. Tais limitações dificultam o acompanhamento adequado das crianças com TEA (Santos *et al.*, 2024).

Além disso, a necessidade de atuação multiprofissional é amplamente reconhecida, uma vez que o cuidado à criança com TEA exige a integração de diferentes saberes e práticas. A articulação entre os profissionais é essencial para garantir um atendimento completo e eficaz (Costa *et al.*, 2024).

Assim, destaca-se que a qualificação da assistência de enfermagem à criança com TEA depende da combinação entre capacitação profissional, utilização de instrumentos adequados, fortalecimento da rede de atenção e valorização do cuidado centrado na criança e na família. Esses elementos são fundamentais para promover um atendimento integral e contribuir para o desenvolvimento saudável da criança (Benedito *et al.*, 2025).

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa de literatura, de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e exploratório. Esse tipo de estudo foi escolhido por possibilitar a síntese e análise de conhecimentos já produzidos acerca da assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da Atenção Primária à Saúde, permitindo uma compreensão ampliada dos principais desafios enfrentados pelos profissionais nesse cenário.

A abordagem qualitativa fundamenta-se na interpretação dos fenômenos relacionados à prática assistencial em saúde no que se refere à atuação da enfermagem frente às demandas específicas de crianças com TEA. Já o caráter descritivo e exploratório visa ampliar o conhecimento sobre a temática, possibilitando a identificação de práticas, estratégias e limitações presentes na literatura científica, bem como lacunas ainda existentes na produção acadêmica.

A pesquisa foi realizada por meio de levantamento bibliográfico em bases de dados científicas amplamente utilizadas na área da saúde, sendo elas a SciELO, PubMed e LILACS. Para a coleta dos dados, foram utilizados descritores controlados em Ciências da Saúde (DeCS/MeSH), tais como: “Transtorno do Espectro Autista”, “Enfermagem”, “Atenção Primária à Saúde” e “Assistência de Enfermagem”, combinados entre si por meio dos operadores booleanos AND e OR, com o objetivo de refinar e tornar mais precisa a estratégia de busca.

Durante o processo de busca, foram identificadas 245 publicações relacionadas à temática proposta. Como critérios de inclusão, consideraram-se estudos disponíveis na íntegra,

de acesso livre, publicados em português, inglês ou espanhol, dentro do recorte temporal estabelecido, e que abordassem diretamente a assistência de enfermagem à criança com TEA na Atenção Primária à Saúde.

Foram excluídos estudos duplicados, publicações fora do período delimitado, trabalhos indisponíveis para leitura completa, artigos com acesso restrito mediante pagamento e aqueles que não apresentaram relação direta com o tema investigado. Após a aplicação desses critérios, procedeu-se à leitura dos títulos e resumos, seguida da leitura integral dos estudos potencialmente elegíveis.

Ao final do processo de triagem, 14 estudos atenderam plenamente aos critérios metodológicos estabelecidos e foram incluídos na amostra final desta pesquisa. Posteriormente, realizou-se a leitura crítica e a análise interpretativa dos artigos selecionados, considerando seus objetivos, metodologias e principais resultados.

A síntese dos dados foi apresentada em tabelas, permitindo a organização, comparação e interpretação das evidências científicas relacionadas à assistência de enfermagem à criança com TEA e aos desafios enfrentados na Atenção Primária à Saúde. A partir dessa análise, foi possível sistematizar o conhecimento disponível na literatura, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da temática e para o fortalecimento das práticas assistenciais no contexto estudado.

#### **4. RESULTADOS**

No decorrer do processo de busca nas bases de dados selecionadas, foram inicialmente identificados 245 estudos potencialmente relevantes para a temática proposta. Esses estudos estavam distribuídos da seguinte forma: 145 na base SciELO, 52 na PubMed e 48 na LILACS.

Após a aplicação dos critérios de elegibilidade previamente definidos, procedeu-se à etapa de triagem dos materiais, na qual foram excluídos 67 estudos duplicados, 109 publicações que não se enquadravam no recorte temporal estabelecido, 31 artigos que não estavam disponíveis na íntegra e 15 estudos cujo acesso era restrito mediante pagamento.

Diante desse processo de seleção, foram considerados aptos para compor a amostra final um total de 14 artigos, os quais atenderam integralmente aos critérios metodológicos estabelecidos para esta revisão integrativa. Esses estudos foram analisados de forma detalhada, permitindo a sistematização das evidências científicas relacionadas à assistência de



enfermagem voltada à criança com Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde.

**Tabela 01: Processo de seleção dos estudos incluídos na revisão**

QUANTIDADE TOTAL DE ESTUDOS: 245 ESTUDOS	
BASE DE DADOS	QUANTIDADE DE ESTUDOS
SciELO	145 estudos
PubMed	52 estudos
LILACS	48 estudos
CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO	
CRITÉRIO	ESTUDOS EXCLUÍDOS
Duplicidade	67 estudos
Fora do recorte temporal	109 estudos
Indisponíveis na íntegra	31 estudos
Acesso restrito (pago)	15 estudos
QUANTIDADE TOTAL DE ESTUDOS SELECIONADOS: 14 ESTUDOS	

Fonte: autoria própria (2026)

Na continuidade, apresenta-se a Tabela 02, que reúne os estudos selecionados para a presente investigação, organizados conforme autor e ano de publicação, título, objetivo e principais achados.

Essa organização possibilita uma visualização sistematizada das produções científicas analisadas, favorecendo a identificação das principais contribuições da literatura acerca da atuação da enfermagem no cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista no âmbito da Atenção Primária à Saúde. Além disso, tal sistematização contribui para a comparação entre os estudos, subsidiando a análise crítica e a construção do conhecimento no contexto desta revisão integrativa.

**Tabela 02: Produções científicas sobre a assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde**

Nº	Autor / Ano	Título	Objetivo	Principais achados
01	ALMEIDA <i>et al.</i> , 2024	Desafios enfrentados	Identificar na literatura os desafios	A equipe de enfermagem tem papel fundamental



		pelos profissionais de enfermagem para o atendimento à criança autista	dos profissionais de enfermagem no atendimento à criança autista	no cuidado e acolhimento; o atendimento humanizado com empatia e escuta qualificada é essencial; há necessidade de suporte educacional e estratégias de capacitação
02	ALVES, 2025	Assistência de enfermagem a crianças com TEA na atenção primária: revisão de literatura	Revisar a literatura científica sobre a assistência de enfermagem a crianças com autismo na atenção primária, destacando melhores práticas e desafios	A capacitação profissional é essencial; os serviços precisam se adaptar às demandas do TEA; a integração multiprofissional é fundamental; a abordagem deve ser holística, centrada na criança e na família
03	ANDRADE ; SANTOS; RAMOS, 2024	Transtorno do Espectro Autista: um desafio para o enfermeiro que atua na Rede Básica de Saúde	Analisar os desafios dos enfermeiros da Atenção Básica no cuidado a pacientes com TEA e a necessidade de capacitação para identificação precoce	Enfermeiros frequentemente se sentem despreparados; o M-CHAT é recomendado para triagem; formação contínua e políticas públicas são essenciais; ambientes adaptados melhoram o atendimento
04	BENEDITO <i>et al.</i> , 2025	Cuidado de enfermagem à criança com autismo e o Modelo de Nola Pender: revisão integrativa	Analisar as evidências científicas sobre o cuidado de enfermagem a crianças com TEA na APS, considerando o Modelo de Promoção da Saúde de Nola Pender	Evidências são escassas e fragmentadas; temas centrais: capacitação da equipe, papel da família no diagnóstico precoce e conscientização sobre estigma; o Modelo de Pender mostrou-se aplicável ao contexto
05	CARVALH O <i>et al.</i> , 2024	Perspectivas de enfermeiros da APS com relação à assistência de crianças com TEA e seus cuidadores	Identificar as perspectivas de enfermeiros da APS com relação à assistência de crianças com TEA	Emergiram 4 categorias: conhecimento sobre TEA; atuação frente à criança e família; necessidade de capacitação; e ações necessárias. Profissionais reconhecem dificuldades mas buscam melhorar a assistência



06	COSTA <i>et al.</i> , 2024	Conhecimento de enfermagem na área de cuidados a crianças com Transtorno do Espectro Autista	Analisar a intervenção de enfermagem para crianças com TEA na literatura	O cuidado envolve projeto terapêutico com terapias específicas; há dificuldades na prática clínica; necessidade de capacitação e adoção de novos métodos de cuidado
07	FERREIRA, 2024	Assistência a crianças com TEA: vivências de enfermeiros/enfermeiras na atenção primária	Analisar as vivências de enfermeiros/enfermeiras na assistência a crianças com TEA na APS, à luz da humanização em saúde	Predominaram situações negativas (78,9%); profissionais não estão devidamente preparados; maiores desafios em antropometria, imunização e comunicação com crianças não verbais; falta de treinamento agrava dificuldades no acolhimento
08	FRANCO; MARTINS, 2025	Ferramentas utilizadas por enfermeiros no atendimento à criança autista: aplicação, capacitação e desafios	Analisar as ferramentas utilizadas pelos enfermeiros no atendimento a crianças com TEA, destacando aplicação prática, capacitação e desafios	Deteção precoce limitada por falta de capacitação e protocolos; muitos enfermeiros restringem-se ao encaminhamento sem acompanhamento longitudinal; acolhimento, escuta qualificada e empatia são fundamentais
09	MESQUITA; CHAGAS; SANTOS, 2025	The contribution of nursing in the care of children with ASD	Descrever a contribuição da enfermagem no acompanhamento de crianças com autismo, destacando práticas de cuidado, desafios e estratégias para cuidado humanizado	A enfermagem tem papel estratégico no cuidado humanizado e inclusivo; práticas incluem acolhimento, escuta qualificada e orientação familiar; persistem limitações por falta de capacitação e protocolos padronizados
10	MORAES; GASPAR, 2022	Transtorno do Espectro Autista: desafios da assistência da enfermagem	Identificar na literatura os desafios do enfermeiro durante a assistência à criança com TEA	Sentimento de insegurança e fragilidade dos enfermeiros; tema pouco abordado na formação acadêmica; assistência deficiente; necessidade de uso das



				Diretrizes do MS e de novos estudos
11	RAMOS <i>et al.</i> , 2025	Cuidado integral e humanizado a crianças com TEA: uma revisão do papel da enfermagem na APS	Analisar a estrutura dos atendimentos de enfermagem a crianças com TEA na atenção primária, identificando práticas, estratégias e desafios para cuidado humanizado	Literatura ainda limitada com lacunas de conhecimento; práticas especializadas e personalizadas são essenciais; necessidade de novos estudos para ampliar a base teórica e capacitar profissionais
12	SANTOS <i>et al.</i> , 2024	Atuação do enfermeiro no atendimento à pessoa com Transtorno de Espectro Autista	Analisar os desafios e fragilidades do enfermeiro de atenção básica no atendimento ao paciente com TEA	Falta de conhecimento gera barreiras e atraso no rastreio; profissionais reconhecem necessidade de educação permanente; urgência de atividades de capacitação contínua na atenção básica
13	SANTOS; SILVA, 2022	A atuação do(a) enfermeiro(a) no rastreamento e acompanhamento de crianças com TEA na APS	Analisar a produção científica sobre a atuação do(a) enfermeiro(a) no rastreamento e acompanhamento de crianças com TEA na APS	Cinco eixos centrais identificados: papel do enfermeiro no rastreamento; percepção familiar; impacto pós-diagnóstico; estruturação da assistência; dificuldades assistenciais. Assistência fragilizada pelo déficit de conhecimento e fragmentação multiprofissional
14	SOUZA <i>et al.</i> , 2025	O papel da enfermagem na identificação precoce do TEA na atenção primária à saúde	Analisar o papel da enfermagem na identificação precoce do TEA na APS, destacando o acompanhamento do desenvolvimento infantil e suporte às famílias	A atuação do enfermeiro é essencial para detecção precoce; identificação depende de observação comportamental, instrumentos padronizados e educação familiar; necessidade de formação especializada e políticas de capacitação permanente

Fonte: autoria própria (2026)

## 5. DISCUSSÃO

A assistência de enfermagem direcionada à criança com Transtorno do Espectro Autista no âmbito da Atenção Primária à Saúde configura-se como um campo de elevada complexidade, demandando do profissional não apenas domínio técnico-científico, mas também habilidades comunicativas, sensibilidade clínica e capacidade de articulação com a rede de atenção. Os estudos analisados convergem ao evidenciar que a enfermagem ocupa posição estratégica nesse cenário, especialmente no que se refere à identificação precoce dos sinais do transtorno, ao acolhimento familiar e à condução do cuidado no contexto da atenção básica.

Nesse contexto, Benedito *et al.* (2025) destacam que a consulta de puericultura configura-se como um dos principais espaços para o rastreamento precoce de alterações no neurodesenvolvimento infantil. Durante esse acompanhamento sistemático, o enfermeiro tem a possibilidade de avaliar os marcos do desenvolvimento, reconhecer comportamentos atípicos e utilizar instrumentos padronizados de triagem, consolidando essa prática como uma das mais relevantes no âmbito da APS.

Ademais, o uso de instrumentos específicos, como o Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT-R/F), apresenta-se como estratégia fundamental para a triagem de crianças entre 18 e 24 meses. Trata-se de uma ferramenta de fácil aplicação, baixo custo e adequada à realidade da atenção básica, cuja inserção na Caderneta da Criança contribui para a sistematização das ações de rastreamento e para o encaminhamento oportuno dos casos suspeitos (Santos *et al.*, 2024).

A relevância do diagnóstico precoce é amplamente reconhecida na literatura, sobretudo em virtude da maior neuroplasticidade cerebral observada nos primeiros anos de vida. Intervenções iniciadas nesse período tendem a produzir resultados mais significativos no desenvolvimento da criança. Em contrapartida, o atraso na identificação do transtorno compromete o acesso a estratégias terapêuticas adequadas e potencializa prejuízos no desenvolvimento global (Santos; Silva, 2022).

Entretanto, Franco; Martins (2025) evidenciam que, apesar da reconhecida importância da detecção precoce, sua efetivação na prática assistencial ainda encontra entraves significativos. A inexistência de protocolos assistenciais bem estruturados e a utilização inconsistente de instrumentos de triagem dificultam a sistematização do rastreamento, contribuindo para atrasos no reconhecimento dos sinais iniciais e na condução adequada dos casos.



Outro aspecto que se destaca refere-se à capacitação profissional, apontada como um dos principais desafios para a qualificação da assistência. Observa-se que muitos enfermeiros relatam insegurança e despreparo diante do atendimento à criança com TEA, o que está diretamente relacionado à abordagem insuficiente do tema durante a formação acadêmica. Essa lacuna impacta negativamente tanto o processo de rastreamento quanto a orientação às famílias e o manejo clínico das situações mais complexas (Moraes; Gaspar, 2022).

Sob essa perspectiva, Ferreira (2024) ressalta que as dificuldades enfrentadas pelos profissionais não se restringem ao campo teórico, estendendo-se também à prática assistencial. Procedimentos como antropometria, administração de imunobiológicos e comunicação com crianças não verbais figuram entre os principais desafios relatados, evidenciando a necessidade de desenvolvimento de habilidades práticas específicas e estratégias adaptadas às particularidades dessa população.

Diante desse cenário, a educação permanente em saúde configura-se como elemento indispensável para o aprimoramento da assistência. A atualização contínua dos profissionais e o fortalecimento de competências específicas relacionadas ao cuidado da criança com TEA são fundamentais para a superação das limitações identificadas e para a melhoria da qualidade do atendimento prestado (Andrade; Santos; Ramos, 2024).

No que se refere ao cuidado centrado na família, Carvalho *et al.* (2024) evidenciam que os pais e responsáveis desempenham papel essencial tanto na identificação inicial dos sinais do transtorno quanto na continuidade das intervenções no ambiente domiciliar. A forma como a família percebe e interpreta os comportamentos da criança influencia diretamente a busca por avaliação especializada, tornando imprescindível a atuação do enfermeiro na orientação clara, empática e baseada em evidências.

Paralelamente, o acolhimento e a escuta qualificada consolidam-se como elementos fundamentais para a construção do vínculo terapêutico entre o profissional, a criança e sua família. A adoção de uma postura sensível e empática favorece a criação de um ambiente mais seguro e acessível, especialmente considerando as particularidades comportamentais e sensoriais associadas ao TEA (Mesquita; Chagas; Santos, 2025).

Além disso, Costa *et al.* (2024) destacam que a utilização de recursos lúdicos durante a consulta de enfermagem revela-se uma estratégia eficaz para facilitar a interação com a criança e favorecer a observação de comportamentos relevantes para o processo avaliativo. Essa abordagem contribui para tornar o atendimento menos estressante e mais adaptado às necessidades individuais, ampliando a efetividade das ações assistenciais.

No âmbito da integralidade do cuidado, destaca-se a importância da atuação multiprofissional, considerando que as demandas relacionadas ao TEA extrapolam as competências de uma única categoria profissional. Nesse cenário, o enfermeiro assume papel estratégico como articulador da rede de atenção, promovendo a integração entre os diferentes níveis de cuidado e facilitando o acesso aos serviços especializados (Alves, 2025).

Todavia, Ramos *et al.* (2025) apontam que essa articulação ainda ocorre de forma fragmentada na prática, sendo comum a limitação da atuação do enfermeiro ao rastreamento e ao encaminhamento, sem a garantia de acompanhamento longitudinal efetivo. Essa fragilidade compromete a continuidade do cuidado e evidencia a necessidade de maior integração entre os serviços e de protocolos assistenciais mais bem definidos.

Adicionalmente, as condições estruturais da Atenção Primária à Saúde configuram-se como importantes obstáculos para a qualificação da assistência. Fatores como escassez de recursos, sobrecarga de trabalho e ausência de diretrizes específicas dificultam a implementação de práticas mais resolutivas, demonstrando que a melhoria do cuidado depende também de investimentos institucionais e organizacionais (Santos *et al.*, 2024).

Por conseguinte, observa-se que, embora haja avanços na compreensão do papel da enfermagem no cuidado à criança com TEA, a produção científica ainda se apresenta limitada e fragmentada. Persistem lacunas relevantes que dificultam a consolidação de diretrizes assistenciais mais robustas, evidenciando a necessidade de ampliação das investigações, especialmente aquelas voltadas à prática clínica e à avaliação de intervenções no contexto da APS (Benedito *et al.*, 2025).

## 6. CONCLUSÃO

A presente revisão integrativa evidenciou que a assistência de enfermagem à criança com Transtorno do Espectro Autista na Atenção Primária à Saúde representa um campo de atuação estratégico e indispensável, especialmente no que se refere à identificação precoce dos sinais do transtorno. A consulta de puericultura constitui o principal espaço para o rastreamento sistemático de alterações no neurodesenvolvimento infantil, e o enfermeiro, como profissional de primeiro contato no sistema de saúde, possui posição privilegiada para reconhecer comportamentos atípicos, aplicar instrumentos padronizados como o M-CHAT-R/F e orientar as famílias quanto às necessidades específicas da criança. Essa atuação precoce é determinante para o prognóstico, considerando que intervenções realizadas nos primeiros anos de vida



tendem a produzir resultados mais significativos em razão da maior neuroplasticidade cerebral característica dessa fase.

Entretanto, os estudos analisados convergem ao apontar que a efetivação de uma assistência qualificada ainda enfrenta obstáculos expressivos, sendo a capacitação profissional o desafio mais recorrentemente identificado na literatura. Grande parte dos enfermeiros relata sentimentos de insegurança e despreparo diante do atendimento à criança com TEA, reflexo direto da abordagem insuficiente do tema durante a formação acadêmica. Esse déficit de conhecimento impacta negativamente tanto o processo de rastreamento quanto o manejo clínico e a orientação familiar, comprometendo a qualidade e a integralidade da assistência prestada no contexto da atenção básica.

Além das fragilidades relacionadas à formação profissional, identificaram-se importantes limitações estruturais e organizacionais que dificultam a implementação de práticas assistenciais mais resolutivas. A ausência de protocolos bem definidos, a escassez de recursos, a sobrecarga de trabalho e a fragilidade na articulação entre os diferentes níveis de atenção à saúde contribuem para que a atuação do enfermeiro se restrinja, muitas vezes, ao rastreamento e ao encaminhamento dos casos suspeitos, sem a garantia de um acompanhamento longitudinal efetivo. Essa fragmentação compromete a continuidade do cuidado e evidencia a necessidade de investimentos institucionais na organização dos serviços e na estruturação de redes de atenção mais integradas.

Diante desse cenário, o acolhimento, a escuta qualificada e o cuidado centrado na criança e na família emergem como elementos fundamentais para a humanização da assistência. A construção de vínculo terapêutico, aliada à utilização de recursos lúdicos e à comunicação empática com os responsáveis, revela-se essencial para tornar o atendimento mais acessível e adaptado às particularidades dessa população. A participação ativa da família no processo de cuidado também se mostrou indispensável, tanto para a identificação precoce dos sinais do transtorno quanto para a continuidade das intervenções no ambiente domiciliar, reforçando a importância de uma abordagem holística e multiprofissional.

Conclui-se, portanto, que o fortalecimento da assistência de enfermagem à criança com TEA na Atenção Primária à Saúde depende de uma conjugação de esforços que envolve a reorientação da formação acadêmica, a implementação de programas de educação permanente, a elaboração de protocolos assistenciais baseados em evidências e o investimento na estruturação dos serviços de saúde. A ampliação da produção científica sobre a temática também se faz necessária, considerando que a literatura ainda se apresenta limitada e





fragmentada. Somente por meio dessas ações integradas será possível garantir uma assistência mais qualificada, humanizada e integral, capaz de promover o desenvolvimento infantil e melhorar a qualidade de vida das crianças com TEA e de suas famílias.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Bianca Mendes *et al.* **Desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem para o atendimento à criança autista.** Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 7, n. 15, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i15.1412>. Acesso em: 07 abr. 2026.

ALVES, Dayana Caribé Vilas Bôas. **Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno do Espectro Autista na atenção primária: revisão de literatura.** Nos Caminhos da Pesquisa, v. 1, n. 8, 2025. Disponível em: <https://revista.fcgedu.com.br/index.php/1/article/view/99>. Acesso em: 12 mar. 2026.

ANDRADE, Claudiane de; SANTOS, Elisângela dos; RAMOS, Fernanda Peres. **Transtorno do Espectro Autista: um desafio para o enfermeiro que atua na Rede Básica de Saúde.** Revista Diálogo e Interação, v. 18, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.revista.faccrei.edu.br/revista-dialogo-e-interacao/article/view/215>. Acesso em: 03 mar. 2026.

BENEDITO, Maria Heloisa Alves *et al.* **Cuidado de enfermagem à criança com autismo e o Modelo de Nola Pender: revisão integrativa.** Enfermeria: Cuidados Humanizados, v. 14, n. 1, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/ech.v14i1.4327>. Acesso em: 09 abr. 2026.

CARVALHO, Beatriz Cortez de *et al.* **Perspectivas de enfermeiros da Atenção Primária à Saúde com relação à assistência de crianças com Transtorno do Espectro Autista e seus cuidadores.** Saúde e Desenvolvimento Humano, v. 12, n. 3, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/sdh.v12i3.11705>. Acesso em: 27 mar. 2026.

COSTA, Adriane Nascimento da *et al.* **Conhecimento de enfermagem na área de cuidados a crianças com Transtorno do Espectro Autista.** Research, Society and Development, v. 13, n. 5, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i5.45963>. Acesso em: 22 mar. 2026.

FERREIRA, Jessica Fernanda Marcelina Fernandes. **Assistência a crianças com transtorno do espectro autista: vivências de enfermeiros/enfermeiras na atenção primária.** 2024. Dissertação (Mestrado em Atenção à Saúde) — Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2024. Disponível em: <http://bdtd.ufbm.edu.br/handle/123456789/1982>. Acesso em: 04 abr. 2026.

FRANCO, Eduardo Mestriner; MARTINS, Wesley. **Ferramentas utilizadas por enfermeiros no atendimento à criança autista: aplicação, capacitação e desafios.** Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 8, n. 19, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55892/jrg.v8i19.2536>. Acesso em: 18 mar. 2026.





MESQUITA, Maelene Almeida Silva; CHAGAS, Sara Regina da Cunha; SANTOS, Jânio Sousa. **The contribution of nursing in the care of children with ASD.** Research, Society and Development, v. 14, n. 10, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v14i10.49856>. Acesso em: 06 mar. 2026.

MORAES, Laís Gabriele Braz de; GASPAR, Fernanda Matilde. **Transtorno do Espectro Autista: desafios da assistência da enfermagem.** Repositório Institucional do UNILUS, 2022. Disponível em: <http://revista.lusiada.br/index.php/rtcc/article/view/1634>. Acesso em: 10 abr. 2026.

RAMOS, Amanda Amaral *et al.* **Cuidado integral e humanizado a crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão do papel da enfermagem na atenção primária de saúde.** Epitaya E-Books, v. 1, n. 121, p. 7-22, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47879/ed.ep.20250224p7>. Acesso em: 01 abr. 2026.

SANTOS, Emyllys Kelly Cordeiro dos *et al.* **Atuação do enfermeiro no atendimento à pessoa com Transtorno de Espectro Autista.** Revista Psicologia & Saberes, v. 13, n. 2, 2024. Disponível em: <https://cesmac.emnuvens.com.br/psicologia/article/view/1761>. Acesso em: 29 mar. 2026.

SANTOS, Ladjá Raiany Crispin da Silva; SILVA, Evelin Freire da. **A atuação do(a) enfermeiro(a) no rastreamento e acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista no âmbito da atenção primária à saúde.** 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) — Instituto Federal de Pernambuco, Campus Pesqueira, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/805>. Acesso em: 20 mar. 2026.

SOUZA, Beatriz Ramos *et al.* **O papel da enfermagem na identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista na atenção primária à saúde.** Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 11, n. 11, p. 4781-4792, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i11.22128>. Acesso em: 15 mar. 2026.